

A APRECIÇÃO DO GÊNERO POÉTICO FORA CONTEXTO ESCOLAR : SABERES EM UMA PESQUISA COLABORATIVA.

Adriane de Oliveira e SILVA

Faculdade de Educação, FaE, UFMG

adriane.silva@globocom.com

Resumo:

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa acadêmica em andamento realizada junto ao curso de pós-graduação/mestrado na área de Educação e Linguagem da Faculdade de Educação - FAE /UFMG.

A pesquisa tem por objetivo analisar alguns dos efeitos de uma prática de trabalho, intitulada “Oficinas de Letras e Laço”, sobre a apreciação do gênero poético, sua leitura e escrita, por crianças em contexto não escolar.

Ao escolhermos o texto poético para ser o principal objeto de apreciação nas oficinas realizadas, tínhamos como principal hipótese a de que o contato sistemático com esse gênero sensibiliza e amplia a compreensão de si mesmo e do mundo e faz da linguagem poética uma ponte de interesses entre o indivíduo e a vida.

Nesse sentido, pretendemos verificar em que medida o contato sistemático das crianças com o texto poético colaborou para ampliação do gosto de ler e escrever literariamente, favorecendo a presença da palavra poética dos alunos em situação escolar e cotidiana de suas vidas.

Palavras chaves: poesia; conhecimento; ambiente de aprendizagem; leitura; escrita.

A CRIANÇA, O CONHECIMENTO E A POESIA.

Todo ser humano aprende. Charlot (2000), educador francês, nos diz que a construção do saber se dá através de múltiplas relações. Trataremos aqui

apenas de três delas: relação do sujeito com o seu mundo interior; relação do sujeito com o mundo social e relação do sujeito com o objeto de conhecimento a ser aprendido, no caso deste trabalho, o texto poético.

A relação do aprendiz com o seu mundo interior apresenta uma dimensão de identidade: está em jogo a sua pessoa, a construção de si mesmo, a história do sujeito, as suas expectativas.

Nessa relação com o saber, há também uma relação com o outro, com o mundo social, que apresenta uma dimensão relacional. Esse outro é aquele que problematiza suas questões, que o escuta, valoriza suas ideias, faz a revisão do seu texto, que o avalia, etc. Portanto, faz-se necessário pensar que essa relação com o saber, composta pelo EU e o OUTRO, é também mediada pelo objeto de conhecimento a ser aprendido. Esse objeto de conhecimento, aqui em questão, se refere à linguagem poética, sua leitura e produção.

Dois importantes aspectos justificam a relevância do texto poético no cotidiano da criança.

O primeiro está diretamente ligado à compreensão da ordem do ser; sentimentos e emoções que aparecem escritas em um texto que emociona, diverte e brinca através da linguagem.

Paulino (1999) nos diz que a literatura se compara com a música ou a pintura pois oferece a possibilidade do encontro com a sensibilidade.

“ [...] sendo a literatura uma arte, funciona como a música, ou como a pintura: não tem finalidade prática e imediata [...] seria um desenvolvimento da sensibilidade, que ocorre na criança pelo próprio ato de ler o livro, apreciando-o. Essa resposta revela o respeito pelo mundo da arte, mostrando que a experiência artística não é só a do autor no momento em que escreve, mas também a do leitor” (PAULINO, 1988)

O segundo está ligado à importância da liberdade de ideias, do desenvolvimento da subjetividade. Na organização do trabalho diário das escolas, qual é o lugar dado a um texto que demanda a palavra do aluno, seus sentimentos e sua arte? Um texto que, em si, prioriza o diálogo entre os acontecimentos da vida e do cotidiano, que registra o olhar do escritor, na interação com o leitor e com o mundo.

Freire (1961), nos chama a atenção para a relação entre a escola e a criança, também na construção do saber.

“A escola - lugar por excelência de convivência com e entre as crianças - e seus professores deve ser receptiva à palavra das mesmas. Indagar, discutir, problematizar, perguntar, elaborar hipóteses explicativas são ações que colocam o aluno e sua palavra no centro das práticas educativas e promovem a construção de significados para o conhecimento”(FREIRE, 1961)

Dessa maneira, segundo Freire, cabe à escola implementar um ambiente favorável ao ensino e à aprendizagem.

Nessa busca de caminhos, o convívio com textos que favoreçam, ao estudante, um encontro mais sensível consigo mesmo, com os fatos do cotidiano, com o outro e com a linguagem, será sempre bem vinda.

A CRIANÇA LENDO E ESCREVENDO POEMAS: do ensino à conquista da palavra.

*“A poesia serve para que a vida não passe em vão”
Cecília Meireles*

Ao se pensar no texto poético, é fato que, quando a escola não exerce seu papel de mediadora, o campo da poesia pode se tornar pouco conhecido para muitas crianças, pois observamos que, na vida em geral, pouco se lê poemas para elas. Não se vê nem se ouve poemas na televisão, nem no rádio, nem em vídeos. Portanto, a escola ainda ocupa, na nossa cultura, um lugar fundamental no desenvolvimento do trabalho com poemas

Embora muitas pesquisas já apontem práticas de trabalho que se preocupam com a recepção do texto poético, formação de seu leitor e escritor, a poesia ainda é considerada um gênero de pouco valor a ser trabalhado nas salas de aula.

Podemos verificar, em proposta escrita pelos PCNs, essa preocupação com relação às práticas de trabalho com poemas. Nesse sentido, existe uma orientação para que o trabalho com poemas encontre, nas salas de aula, um ambiente favorável para seu desenvolvimento, implicando em atividades variadas de apreciação e análise, conforme se pode verificar abaixo:

“ Oferecer ao aluno a oportunidade de descobrir o sentido por meio da apreensão de diferentes níveis e camadas do poema (lexical, sonoro, sintático), em diversas e diferentes leituras do mesmo poema, requer dedicação de tempo a essa atividade e percepção de uma outra lógica analítico-interpretativa que não aquela de um academicismo estereotipado, que acredita que ensinar poesia é ensinar as técnicas de contar sílabas e classificar versos e rimas” (PCN, 2006, p. 78)

Também Alves (2003) nos convida a refletir sobre o trabalho que ainda hoje é realizado nas escolas com o apoio dos livros didáticos. Segundo o autor, a escolha de poemas para os livros didáticos tem procurado critérios ligados a exploração de aspectos gramaticais, de interpretação e propostas de criação. Alvez explicita que o critério para a escolha dos poemas não tem se preocupado com o valor estético, o ludismo sonoro e a produção de sentidos. Com uma avaliação negativa dessa realidade, Alves (2003) nos interroga se é dessa forma que o aluno irá construir uma relação de encantamento com o poema, que deveria ser o principal objetivo do trabalho com esse gênero na escola, realçando a importância dos poemas serem vistos como um valor em si.

“ Se os autores e autoras de livros de português levassem em conta o apelo dos poetas, possivelmente a poesia seria tratada de forma mais sensível [...] a ampliação do número de poemas nessas obras, com orientação de leitura que levasse em conta a dimensão estética do texto e não meramente técnica, seria bem vinda”(ALVES, 2003, p73.)

Sabemos que não se escreve ou se lê poemas em busca de informação, como se faz com o texto científico. Um poema é lido e ou escrito expressando as sensações, as imagens, as percepções de cada leitor e autor, que são diferentes de pessoa para pessoa.

Pondé (1982) nos diz :

“ [...] a realidade poética da imagem não aspira à verdade, como é o caso da ciência, o poema não diz o que é e sim o que poderia ser, transfigurando a realidade pelo ato de criação. Logo não se trata de uma redução ou empobrecimento, mais de um acréscimo, de um outro enfoque diferente do empregado pela ciência e pelos adultos, em que predomina a razão”(PONDE, 1982, p.125)

Portanto, o texto poético, múltiplo de sentidos, está sempre disponível para variadas possibilidades de compreensões e sensações, aberto para o deleite subjetivo daquele que cria e que lê. A poesia, ao trazer em si essas características, não fecha os sentidos, não aprisiona as ideias, proporcionando a experiência de criação.

É novamente Alves (2003), que ao iniciar o seu artigo “A abordagem do poema: roteiro de um desencontro”, afirma que:

“ [...] enquanto não se compreender que a Poesia tem um valor, que não se trata apenas de um joguinho ingênuo com palavras, ela continuará a ser tratada como um gênero menor e, pior ainda, continuará a ser um dos gêneros literários menos apreciados no espaço escolar. Mas qual seria, afinal, o valor da poesia? Para que ela serve?” (ALVES, 2003, p. 62)

Diante das questões colocadas, nos perguntamos quais são as mudanças esperadas no trabalho com o poema? Há novos papéis para professor e aluno e para a sociedade em geral?

Essas questões talvez não sejam respondidas neste trabalho que, no entanto, não se exime da tentativa.

A POESIA NO DESVELAR DO CONHECIMENTO: uma análise de uma pesquisa colaborativa.

Este artigo tem a intenção de apresentar uma pesquisa acadêmica que está sendo realizada por mim, aluna do curso de pós-graduação/mestrado na área de Educação e Linguagem da Faculdade de Educação de Minas Gerais. Pretendo analisar os efeitos de uma prática de trabalho, intitulada “Oficinas de Letras e Laço”, sobre a apreciação do gênero poético, sua leitura e escrita, por crianças em contexto não escolar. Nesse sentido, pretendemos verificar em que medida o contato sistemático das crianças com o texto poético, colaborou para ampliação do gosto de ler e escrever literariamente, favorecendo a presença da palavra dos alunos em situações escolar e cotidiana.

Trata-se da análise de um trabalho que foi desenvolvido por mim, com duas turmas de alunos do 4º ano do ensino fundamental I, da Escola Municipal Senador Levindo Coelho, localizada em Belo Horizonte, nos arredores do Parque Das Mangabeiras e que atende, em sua maioria, a crianças moradoras do Aglomerado da Serra. Este trabalho, realizado a partir de uma parceria com a Laço, uma associação de apoio social, da qual fiz parte nos anos de 2008, 2010 e 2011, também com sede no terreno do Parque das Mangabeiras, teve início em 2008. Ele foi elaborado a partir de uma demanda dessa escola que tinha como expectativa que o trabalho, realizado pela equipe da Laço, pudesse colaborar com o desenvolvimento de melhores relações dos alunos com a escrita, possibilitando também uma melhor interação dos estudantes entre si e com o conhecimento de uma forma geral.

Neste trabalho, o olhar estava direcionado permanentemente para a importância da poesia enquanto texto que favorece o desenvolvimento da sensibilização e da emoção, permitindo o encontro com a imaginação e a criação. A poesia para si e para o outro. Aquela que permite, no saborear das palavras, um encontro consigo mesmo. Um texto que, ao ser lido, sugere um pensar sobre aquilo que salta, brinca e reflete nas folhas do

papel. Abaixo, um poema escrito por um dos alunos que apresenta um relato de uma brincadeira, que aqui, posteriormente, será analisada.

“Indo e voltando
A gente brincando
Com o lençol balançando
Balança lençol
Indo e voltando
E o chinelo voando
Vai vento,
Volta sol
Brincando com o lençol”

(Brendon Silva, 2011) -aluno da oficina Letras e Laços.

Tendo em mente as demandas da escola, buscamos estratégias para que a poesia pudesse se enlaçar com o conhecimento, ampliando a curiosidade e a disponibilidade do aluno para aprender, para perguntar, para se colocar presente diante daquilo que se quer saber e experimentar. Ao escolhermos o texto poético para ser o principal objeto de apreciação, nas oficinas realizadas, tínhamos como principal hipótese a de que o contato sistemático com esse gênero desenvolve a capacidade linguística da criança e amplia o hábito e o gosto de ler e escrever. Com dois grupos de crianças e suas professoras tentávamos ficar atentos a tudo de poético que pudesse haver nas coisas do mundo. Assim, as palavras de Prado (1970), “de vez em quando Deus me tira a poesia, olho para pedra e vejo pedra mesmo”, nos orientavam a olhar para a vida, buscando nela o sentido poético.

Como metodologia adotada para análise utilizei a pesquisa-ação de caráter participativo/colaborativo.

Segundo Thiollent (1988) a metodologia da pesquisa ação tem por objetivo favorecer uma análise daquilo que está sendo realizado, colocado em ação, na busca para se alcançar os objetivos iniciais. Assim, eu, as professoras e os alunos, nos colocávamos ali, construindo um trabalho coletivo, buscando o entendimento de Thiollent ao nos dizer que “pela pesquisa ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos, e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação”. (THIOLLENT, 1998, pág. 19)

Para o desenvolvimento desta pesquisa, dados foram coletados através da análise das atividades filmadas em vídeo, acrescidos do diário de campo de todas as oficinas realizadas e das produções finais feitas pelos alunos. Aqui uma análise preliminar será realizada, visto que a pesquisa encontra-se em desenvolvimento. Apenas uma das propostas, entre muitas ocorridas nas oficinas, será descrita. Essa atividade, em si, engloba uma diversidade de situações de interação da criança com o conhecimento e com a poesia.

Três situações/acontecimentos, nela ocorridos, poderão colaborar para a compreensão sobre os efeitos desse trabalho para o desenvolvimento da capacidade da criança de ler e escrever textos poéticos, desejando situar algumas possibilidades de enriquecimento de um trabalho com o gênero em questão:

- A escrita significativa: a busca da compreensão do que se faz.
- O caderno de poesias: espaço de construção da individualidade e da subjetividade.
- A produção coletiva de um poema gerando o desejo de escrita de novos poemas individuais.

UMA BREVE DESCRIÇÃO DO TRABALHO: a brincadeira do lençol

Dois grandes lençóis de retalhos, que possibilitam muitas brincadeiras, foram feitos a muitas mãos. Vinte e cinco crianças de uma turma e 27 crianças de outra turma, eu, suas professoras e as costureiras participantes do projeto Tramas e Laços se empenharam nessa tarefa. Um lençol seria dado à Laço, outro à escola Senador Levindo Coelho. Logo que iniciamos os primeiros encontros com os alunos fomos para o pátio da Laço, chamado por nós de Caramanchão. Tirei de uma sacola, um grande lençol de casal. Convidei a todos que segurassem em uma parte dele e juntos fizéssemos muito vento. A brincadeira preferida consistia em jogar dentro do lençol uma sandália de uma das crianças que era lançada pelo ar. Competições entre equipes eram feitas. A sandália tinha que ser jogada dentro do lençol da equipe contrária. Na alegria de fazer o lençol ventar, a brincadeira demanda a necessidade do outro amigo, parceiro ao lado, e também de si mesmo, e daí para o coletivo. Os alunos iam se constituindo como grupo. Brincavam, riam, competiam, se exaltavam, contavam casos, desenhavam e escreviam textos poéticos sobre as brincadeiras.

De cada percurso feito, apresentarei os poemas apreciados pelas crianças, em situações de leitura e ou em situações de escrita. Eles aparecerão aqui relacionados, enlaçados com o cotidiano desse trabalho que se propunha a

realizar um grande lençol feito por todos. Um caderno pequeno, de capa dura, foi entregue aos alunos. Cada um, da sua forma ia dando um tom de alegria para o caderno. Queriam levar o caderno para suas casas e lá dividir os poemas com a família e amigos. A professora não permitia, não queria correr o risco de que os cadernos pudessem sumir ou estragar.

Nas oficinas, no caderno, os poemas lidos ou escritos coletivamente ou individualmente iam sendo colados no caderno. Ilustrações eram feitas. Os cadernos estavam sempre presentes nas oficinas e nele era registrado todo o percurso poético produzido ali. O poema Convite, de José Paulo Paes foi o primeiro a ser colado no caderno. Ele, um “convite” para perceber a poesia como uma brincadeira com as palavras, inaugurava aquele momento.

“Poesia

é brincar com palavras

como se brinca

com bola, papagaio, pião...”

(Fragmento da poesia Convite , de José Paulo Paes)

O texto de Adélia Prado: “*De vez em quando Deus me tira a poesia, olho para pedra e vejo pedra mesmo*” foi muito discutido e essa frase era usada pelos alunos em variadas situações de conversas sobre o nosso trabalho. Passamos a colecionar pedras que eram observadas por eles com admiração e curiosidade, de acordo com eles ”com poesia”. Um poema sobre as pedras colecionadas foi feito coletivamente.

“Pedras brilhantes

Um tesouro

Roxas, muitas cores

Várias pedras como flores.”

Pedra que vale ouro

(Fragmento do poema Produção coletiva da sala 6)

Aprenderam a jogar Cinco Marias. Motivada pela situação, um poema foi escrito por mim e apreciado por eles.

“Infância

Olho para a pedra e vejo uma brincadeira,
Lembro das Cinco Marias e das tardes de encanto e euforia.”

(Fragmento do poema- Adriane de Oliveira e Silva)

A letra da música “Aniversário”, da Palavra Cantada, era sempre presente e cantada nos nossos encontros. Todos os aniversários das crianças eram comemorados, a pedido das crianças, com a música sendo lida e cantada por eles. Tendo o caderno em mãos organizavam apresentações musicais incluindo os nomes dos aniversariantes.

“ Hoje sinto que cresci bastante
Hoje eu sinto que estou muito grande”

(Fragmento da letra da Música do CD Palavra Cantada, “Canções de Brincar”.)

O poema “O que te faz feliz”, de autor desconhecido, foi trazido de presente por uma das alunas, “arrancado” de uma revista encontrada em um salão de beleza. Também ele, durante o desenrolar da produção do lençol, era frequentemente apreciado. Procuravam no poema o que os fazia feliz e assim se identificavam com o texto do poeta, reinventando as suas alegrias.

“ A lua, a praia, o mar
A rua, a saia, amar...
Um doce, uma dança, um beijo,
Ou é a goiabada com queijo?
Afinal, o que faz você feliz?”

(Fragmento do poema , O que te faz feliz?)

No desenrolar, as brincadeiras com o lençol aconteciam cotidianamente. Enquanto brincavam, costuravam os panos para fazer o lençol. O texto poético sobre esse brincar foi sendo feito. Variados títulos foram propostos pelos alunos e os versos iam, a partir daí, surgindo: a brincadeira, o lençol amarelo, boa brincadeira, o lençol colorido, o lençol divertido, lençol flutuando no ar, a brincadeira do chinelo. Muitas palavras foram ditas: alegria, amigos, brincar, sorrir, chinelo, sapatilha, crianças, havaianas, vento no rosto.

A seguir o poema escrito coletivamente:

“Boa Brincadeira

Da sacola colorida

Saiu um Lençol mágico.

Muitas mãos de crianças

Balançavam, até as nuvens

O pano que transforma tudo em magia

Aventura debaixo do pano

Crianças correndo daqui para lá...de lá para cá.

Sandálias tiradas dos pés

Flutuavam pelo ar, pelo sol, pelas ondas do lençol.

Os olhos brilhavam

Alegria animada

Com lençol , brincadeira e poesia

Numa tarde ensolarada”.

(Produção coletiva dos alunos da sala 6, turma da Fátima . Março de 2011)

Como combinado, recebemos as costureiras e bordadeiras das oficinas de costura da Laço. Os alunos se mostraram bastante concentrados e interessados. Dispostos e muito curiosos com a atividade de costura. No lençol já pronto, os alunos escreveram e depois pintaram a poesia “Boa Brincadeira”. O lençol iria para a nossa exposição de final de ano. Daí para frente, muitas brincadeiras, com os lençóis aconteceram. A poesia no ar acariciava aquela brincadeira.

ANÁLISE DO TRABALHO REALIZADO.

Três aspectos serão aqui discutidos por mim:

- A escrita significativa: a busca de significado para o que se faz.

- O caderno de poesias e a construção da individualidade e da subjetividade do aluno.
- A produção coletiva de um poema gerando o desejo de escrita de novos poemas individuais.

A escrita significativa: a busca de significado para o que se faz.

Avalio através dos vídeos analisados que cada uma das etapas acima citadas possibilitou um envolvimento crescente do grupo de alunos. A brincadeira trazia o desejo de escrever sobre os acontecimentos. O significado ia sendo construído a cada encontro que era marcado por um fazer coletivo e autônomo.

Huizinga (2007) nos apresenta a relação entre o jogo e a poesia ao dizer que “o que a linguagem poética faz é essencialmente jogar com as palavras. Ordena-as de maneira harmoniosa, e injeta mistério em cada uma delas, de modo tal que cada imagem passa a encerrar a solução de um enigma”. (HUIZINGA, 2007, p. 149)

Na alegria de fazer o lençol ventar, a brincadeira demanda a necessidade do outro amigo, parceiro ao lado, e também de si mesmo, e daí para o coletivo. Os alunos iam se constituindo como grupo. Brincavam, riam, competiam, se exaltavam, contavam casos, desenhavam e escreviam textos poéticos sobre as brincadeiras. Atividades interativas, capazes de incluir cada aluno em um grupo favoreceria certamente a construção de melhores relações entre as crianças.

O caderno de poesias: espaço para a construção da individualidade e da subjetividade do aluno.

O caderno de poesias, local escolhido para a produção individual dos alunos, foi sendo apropriado por eles de forma significativa. A professora da turma, por variados motivos, não permitia que os alunos levassem, para suas casas, os cadernos. Pediam a minha interferência junto à professora. Avaliei com eles os motivos que, segundo a professora, a levava a agir assim:

- falta de cuidado com os materiais da escola que iam para casa.
- dificuldades apresentadas por eles em trazer os cadernos e ou livros de casa para a escola.
- uso dos cadernos dos alunos por seus pais, que arrancavam folhas para registros variados.
- falta de cuidado dos alunos com os cadernos da escola, que normalmente sujavam, e que criavam “orelhas” nas páginas.

Diante dos argumentos da professora, os alunos permaneciam com suas demandas e diziam que aquele caderno a eles pertenciam e que não era um caderno da escola. Durante muito tempo, todo o primeiro trimestre, era frequente a demanda dos alunos. No início do segundo trimestre, um relato da professora fez novamente a discussão surgir. Os alunos, na escola, fizeram um abaixo assinado e o encaminharam à coordenação da escola. Pediam que o caderno de poesia, da oficina realizada na Laço, pudesse ser levado para suas casas. Seus argumentos apareceram novamente:

- “O caderno é nosso”.
- “Queremos escrever em nossa casa”.
- “Queremos mostrar para os nossos pais”.
- “Esse caderno não é da escola”.

Após variadas conversas e negociações entre eles, eu e a professora, o caderno foi liberado para suas casas. Todo esse movimento de negociação dos alunos aponta o quanto eles apropriavam da escrita, e o quanto o caderno, artefato onde registravam os poemas lidos e produzidos por eles nos encontros, passava a ganhar um estatuto simbólico dessa apropriação. Eles, de fato, se sentiam donos do caderno e do que ele continha. O projeto desenvolvido em condições não escolares de leitura e escrita evidenciava, assim, práticas escolares e as difíceis relações que essas elas buscam perpetuar, mesmo fora da escola.

A produção coletiva de um poema gerando o desejo de escrita de novos poemas individuais.

Todo esse processo culminou em leituras e escritas de variados poemas, citados no relato do trabalho. Poemas individuais também surgiram a partir de uma proposta feita. Os alunos foram convidados a escrever em suas casas sobre a brincadeira do lençol. Não era uma atividade a ser realizada na escola e nem na Laço. Era uma proposta que ia além dos “muros” dos nossos espaços coletivos. Escreveria quem desejasse escrever. Como resultado, muitas crianças vieram para a oficina orgulhosos de suas produções. A brincadeira do lençol, em suas casas, sendo revisitada e recriada.

É Pondé (1982) que mais uma vez nos ajuda nessa análise ao nos dizer que “O lugar onde os nomes e as coisas se fundem e são a mesma coisa é a poesia, reino onde nomear é ser. A imagem diz o indizível [...] A imagem não explica a realidade: convida-nos a recriá-la e, literalmente, a revivê-la”. (PONDÉ, 1982, P.127)

Nos cadernos, seus poemas individuais escritos. Na laço, a leitura para todos. Na escola, os poemas nos painéis, segundo o relato da professora.

“O lençol flutuante é muito legal

O lençol foi divertido como se fosse um amigo

Ele é branco ou colorido

Mas na brincadeira

Precisou dos meus amigos.”

(Poema escrito por Guilherme de Souza, uma das crianças participante da oficina)

Ainda recorremos a Huizinga (2007) para compreender a relevância do texto poético:

“O eterno abismo entre o ser e a idéia, só pode ser franqueado pelo arco-íris da imaginação. Os conceitos, prisioneiros das palavras são sempre inadequados em relação à torrente da vida; por tanto, é apenas a palavra-imagem, a palavra figurativa, que é capaz de dar expressão às coisas e ao mesmo tempo banhá-las com a luminosidade das idéias: idéia e coisa são unidas na imagem.” (HUIZINGA, 2007, p.149)

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A partir da breve análise de apenas um dos recortes do trabalho e seus múltiplos desdobramentos, feitos principalmente da observação criteriosa dos vídeos gravados das oficinas, podemos dizer que o texto poético possibilitou um encontro dos alunos com suas palavras, desejos e subjetividades. As atividades acima descritas nos mostram as possibilidades que o texto poético naquele cotidiano de muitas carências, pode efetivamente criar, levando as crianças a escrever e dizer sobre a realidade que as cerca, revisitando-a através de uma construção coletiva de um fazer e um dizer poético do qual se apropriam. O texto poético sensibiliza e amplia a compreensão de si mesmo e do mundo, fazendo da linguagem uma ponte de interesses entre o indivíduo e a vida. Nas atividades aqui, ora descritas, vimos que a poesia propicia o encontro com

a linguagem escrita conotativa, sonora, brincada, musical, coerente, múltipla de sentidos, que permite a emergência de todo e qualquer assunto que leve ao entendimento do significado da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALVES, José Helder Pinheiro. A abordagem do poema. Roteiro de um desencontro. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CHARLOT, Bernard. A relação com o saber: conceitos e definições. In: _____. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 77-86.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

HUIZINGA, Johan. O jogo e a poesia. In: _____. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PAULINO, Graça. Para que serve a literatura Infantil? v.5 n.25 • jan./fev. 1999 • Presença Pedagógica.

PONDÉ, Glória Fialho. Poesia e folclore para a criança. In: _____. *A produção Cultural para a criança*. São Paulo: Mercado Aberto, 1982.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1)

THIOLLENT, Michel. *Metodologia de Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1947.